Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo

Esta obra, destinada tanto aos interessados em história, religião e mitologia, como aos professores e pesquisadores da Antiguidade, nos presenteia com traduções inéditas do egípcio, diretamente para a língua portuguesa, com a análise simbólica de relevos e esculturas da arte egípcia, com a visão de autores modernos que conformaram o pensamento acadêmico ocidental e com estudos de recepção da mitologia em obras contemporâneas, como no cinema. O presente livro decifra estas complexas relações entre passado e presente, entre Oriente e Ocidente, através de uma linguagem precisa e, por vezes, poética, de seus autores. A visão destes especialistas imprime um primor acadêmico e, ao mesmo tempo, um olhar apaixonado pelo passado, pois só se ama aquilo que se conhece! Katia Maria Paim Pozzer, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Margaret Marchiori Bakos - Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Bolsista de Produtividade do CNPq. Maria Aparecida de Oliveira Silva - Pesquisadora e Professora Orientadora do Grupo Heródoto da Unifesp, Tradutora de Heródoto e Plutarco.

978-3-330-99783-7

Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo

Bakos, Silva (Eds.)

Margaret Marchiori Bakos (Ed.) · Maria Aparecida de Oliveira Silva (Ed.)

Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo

Novas Perspectivas

Novas Edições Acadêmicas

Margaret Marchiori Bakos, Maria Aparecida de Oliveira Silva (Eds.)

Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo

Margaret Marchiori Bakos, Maria Aparecida de Oliveira Silva (Eds.)

Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo

Novas Perspectivas

Novas Edições Acadêmicas

Impressum / Impressão
Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek: Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über http://dnb.d-nb.de abrufbar.
Alle in diesem Buch genannten Marken und Produktnamen unterliegen warenzeichen-, marken- oder patentrechtlichem Schutz bzw. sind Warenzeichen oder eingetragene Warenzeichen der jeweiligen Inhaber. Die Wiedergabe von Marken, Produktnamen, Gebrauchsnamen, Handelsnamen, Warenbezeichnungen u.s.w. in diesem Werk berechtigt auch ohne besondere Kennzeichnung nicht zu der Annahme, dass solche Namen im Sinne der Warenzeichen- und Markenschutzgesetzgebung als frei zu betrachten wären und daher von jedermann benutzt werden dürften.

Informação bibliográfica publicada por Deutsche Nationalbibliothek: A Nationalbibliothek numera esta publicação no Deutsche Nationalbibliografie. Os dados biográficos detalhados estão disponíveis na internet: http://dnb.d-nb.de.
Os outros nomes de marcas e produtos citados neste livro estão sujeitos à marca registrada ou à proteção de patentes, sendo marcas comerciais registradas dos seus respectivos proprietários.
O uso dos nomes de marcas, nomes de produtos, nomes comuns, nome comerciais, descrições comerciais, descrições de produtos, etc., mesmo sem um relevo particular nestas publicações, de forma alguma deve interpretar-se no sentido de que estes possam ser considerados limitados em matérias de marcas e legislação de proteção de marcas e, portanto, ser utilizadas por qualquer pessoa.

Coverbild / Imagem da capa: www.ingimage.com

Verlag / Editora:
Novas Edições Acadêmicas
ist ein Imprint der / é uma marca de
ICS Morebooks! Marketing SRL
4, Industriala street, 3100 Balti, Republic of Moldova
Email / Correio eletrônico: info@omniscriptum.com

Herstellung: siehe letzte Seite /
Publicado: veja a última página
ISBN: 978-3-330-99783-7

Copyright / Copirraite ©
Copyright / Copirraite © 2017 ICS Morebooks! Marketing SRL
Alle Rechte vorbehalten. / Todos os direitos reservados. Saarbrücken 2017

Índice

Prefácio.....04
Katia Maria Paim Pozzer

Apresentação.....06
Evelyne Azevedo

Introduçao ao Livro.....08
As Organizadoras

Parte I – Deuses e Mitos

1. O Deus Aton e a Solarização da Religião Egípcia durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.).....13
Liliane Cristina Coelho

2. Mitologia do Cosmos e o Egito de Wereshnefer.....26
Mauricio Schneider

3. Deuses Egípcios no Olimpo, segundo Heródoto.....38
Maria Aparecida de Oliveira Silva

Parte II – Ritos do Egito Antigo

1. O *Livro das Respirações*.....51
Marcia Severina Vasques

2. A Religião Funerária Egípcia Antiga: dos textos aos destinos *post mortem* solar e osiríaco.....64
Cintia Alfieri Gama-Rolland

Parte III – Religião e Poder

1. Akhenaton, a Cidade de Akhetaton e a Extinção Passageira do Além.....80
Moacir Elias Santos

2. O Ritual do Poder: simbologia e representação social da monarquia faraônica.....95
Nely Feitoza Arrais

3. O Festival-Sed: reflexões e abordagens.....108
Julio Gralha

Parte IV - O Egito e o Divino na Visão dos Modernos

1. Deuses do Antigo Egito: uma visita a Jaroslav Černý (1898-1970)
Margaret M. Bakos.....120

2. A Religiosidade Egípcia Antiga e sua Leitura no Filme "O Príncipe do Egito".....136
Raquel dos Santos Funari

3. O Filme *O Egípcio* (1954) e o Culto ao Aton: da luz solar à tela do cinema.....145
Leandro Hecko

Sobre os Autores

Prefácio

É impossível compreendermos as civilizações antigo-orientais sem levarmos em consideração o papel fundamental desempenhado pela religião e pelas narrativas mitológicas, nestas sociedades. Portanto, um livro que se dedique a esse tema torna-se uma contribuição imprescindível para o entendimento da história.

Ernst Fahmüller[1], importante egiptólogo alemão, em referência ao mito da criação do Homem, segundo a mitologia egípcia, resume dizendo que "quando o olho do deus criador ficou momentaneamente cego, o homem nasceu de suas lágrimas" (1993, p. 227). Esta concepção da origem do homem explica o motivo pelo qual a humanidade inteira está intimamente ligada aos deuses.

Assim, a religião adquiriu um caráter político fundante no imaginário do antigo Egito. O faraó era concebido como uma divindade terrena, o elo de ligação entre deuses e homens, era o líder supremo no mundo político e a autoridade máxima da hierarquia sacerdotal.

No Egito o ideal de vida era usufruir de boa saúde, satisfazer as necessidades humanas básicas (alimentar-se, vestir-se e habitar corretamente), ter alegrias, a proteção bondosa dos deuses e gozar de uma vida longa! Mas, para que isso fosse possível, era necessário conhecer os mitos e realizar corretamente os ritos, isto é, era preciso ser capaz de apropriar-se do complexo sistema religioso egípcio.

O Egito antigo produziu inúmeros rituais que expressavam, em práticas e gestos, suas variadas concepções teológicas. A crença na existência de um "outro mundo", acessível após a morte, através de uma delicada passagem da vida terrena à "outra vida", nos foi revelada por preciosos textos e posturas retratadas em relevos e esculturas. O ritual da mumificação, o julgamento das almas, a construção de pirâmides e templos monumentais são representações concretas desse imaginário. E a riqueza desta documentação é analisada neste livro com competência, rigor científico e sensibilidade.

Além das marcadas influências exercidas nas demais civilizações antigas, como os hebreus, os babilônicos, os assírios, os fenícios, os hititas, os gregos, os persas e os romanos, os egípcios deixaram raízes profundas e uma herança cultural que perdura até

[1] Cf. Ernst Fahmüller. "Les dieux et leurs temples". In: Eggebrecht, A. *L'Egypte Ancienne*. Paris: France Loisirs, 1993, p. 227-285.

os dias de hoje. Apenas para citarmos alguns elementos, no âmbito religioso, a crença em uma tríade divina influenciou as principais religiões monoteístas; o conhecimento da anatomia humana, obtido graças às práticas ligadas ao ritual da mumificação ou, ainda, o desenvolvimento da astronomia e do calendário solar, com um ano de 365 dias, são conquistas científicas que se mantiveram até o mundo contemporâneo.

O livro *Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo* é uma obra coletiva, fruto da maturidade dos estudos de história, cultura e religião da Antiguidade dos pesquisadores brasileiros. A obra evidencia, também, a reflexão sobre temas universais, sobre questões que interpelam as sociedades humanas desde o princípio até os dias de hoje, como os mitos da origem do mundo, do próprio Homem, do poder e seus usos, da vida e da morte.

Assim como um mosaico, onde cada tessela, com sua forma e cor particular, compõe um todo inteligível, cada contribuição do livro apresenta um viés próprio e constrói uma narrativa abrangente sobre mitologia e religiosidade no Egito antigo. Múltiplos como os deuses egípcios, os capítulos dessa obra se integram entre si, se contrapõem e se complementam, compondo um cenário complexo e compreensível ao mesmo tempo.

Esta obra, destinada tanto aos interessados em história, religião e mitologia, como aos professores e pesquisadores da Antiguidade, nos presenteia com traduções inéditas do egípcio, diretamente para a língua portuguesa, com a análise simbólica de relevos e esculturas da arte egípcia, com a visão de autores modernos que conformaram o pensamento acadêmico ocidental e com estudos de recepção da mitologia em obras contemporâneas, como no cinema.

O presente livro decifra estas complexas relações entre passado e presente, entre Oriente e Ocidente, através de uma linguagem precisa e, por vezes, poética, de seus autores. A visão destes especialistas imprime um primor acadêmico e, ao mesmo tempo, um olhar apaixonado pelo passado, pois só se ama aquilo que se conhece!

Katia Maria Paim Pozzer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentação

Quando falamos de uma civilização com mais de 3000 anos de História e uma lista enorme de títulos que se dedicaram a ela, parece difícil que ainda exista um assunto pouco ou não explorado. O que se verá aqui é, no entanto, a contribuição de diversos autores sobre um tema fundamental nos estudos sobre a antiga população nilótica: a religião, seus deuses e seus mitos.

O Antigo Egito é uma das civilizações que mais fascínio exerceu sobre as pessoas. E não apenas desde o século XIX, mas desde a própria Antiguidade, começando pelos gregos, na figura de ninguém menos que Heródoto, como poderá ser visto em um dos textos aqui publicados. Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo traz diversas perspectivas dos aspectos religiosos de uma das culturas que mais imprimiu suas marcas na História, escritas por importantes nomes ligados à Egiptologia no Brasil.

Aqui estão pessoas cujas trajetórias profissionais foram dedicadas ao estudo do Antigo Egito e, por isso mesmo, cada texto é o reflexo individual de sua visão sobre esta cultura. Dividido entre quatro eixos, cada um deles se debruça sobre um aspecto da religião egípcia: desde os deuses e sua cosmogonia até a sua recepção cinematográfica, passando ainda pelos seus ritos funerários e finalmente, a vinculação entre a religião e o poder faraônico.

Os deuses egípcios constituem o primeiro viés abordado pelo livro, o qual se divide em três artigos que abordam a relação dos egípcios com suas divindades. O primeiro trata da criação de uma nova teologia solar com a adoção do deus Aton sob o reinado de Akhenaton; o segundo texto fala da representação do Egito como centro do mundo a partir da análise da cosmografia do sarcófago de Wereshnefer e o terceiro disserta sobre o sincretismo religioso feito por Heródoto ao associar os deuses egípcios aos gregos.

O segundo viés trata dos principais textos funerários egípcios que os auxiliavam em sua jornada *post mortem*, como o famoso Livro dos Mortos, que, mesmo tendo seu aparecimento no Novo Império, é o mais conhecido dos *corpi* de fórmulas para acompanhar o morto em sua passagem ao mundo dos mortos. Na terceira parte, retoma-se o reinado de Akhenaton e sua tentativa de extinguir o culto osiríaco em prol do culto ao faraó. Em seguida, fala-se sobre a função divina do faraó como mantenedor da ordem e do Egito e de como os rituais em torno deste tinham a função de simbolizar essas

atribuições diante da sociedade. Um deste rituais, inclusive, o Festival-Sed, é o tema do terceiro artigo desta seção. Apesar de sua grande importância, o autor aponta o pouco estudo dedicado a ele.

A quarta e última parte do livro é dedicada à leitura feita por Jaroslav Černý da religião egípcia e traz ainda a apropriação contemporânea feita pelo cinema nas obras O Egípcio, de 1954 e O Príncipe do Egito, animação da DreamWorks de 1998.

Ciência que se consagrou na Europa com a tradução dos hieróglifos por Champollion, a Egiptologia sempre esteve ligada a países como Itália, França, Alemanha e, mais recentemente, os Estados Unidos. No Brasil, seu estudo sempre dependeu, deste modo, da importação de literatura especializada. A produção de material específico em português constitui um trabalho de extrema importância para a consolidação deste campo na academia brasileira. Trata-se, portanto, de um material que procurou abordar a antiga religião egípcia sob seus mais diversos aspectos, mas que é, sobretudo, o esforço coletivo de estudiosos que buscam difundir os estudos egiptológicos no Brasil.

Evelyne Azevedo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Introdução ao Livro

Os egípcios despertam o interesse dos povos que com eles interagem, ou que apenas visitam seu território, desde os tempos dos faraós. Os que por lá passam se maravilham com suas belezas manifestas em sua religiosidade e todas as suas formas de expressão, em seus mitos e histórias milenares grafadas em pedras e em papiros, em suas artes e ciências. Dentro deste riquíssimo quadro cultural e da impossibilidade de abarcar todas as questões levantadas pelos estudiosos, a nossa proposta com a organização deste livro é refletir sobre o Egito antigo sob a perspectiva da criação dos seus mitos, da relação deste povo com seus deuses e suas práticas religiosas. Compreender a criação e a força desses elementos não apenas em seus contextos religiosos, mas também político e social. E ainda indagar como os egípcios foram pensados pelos outros povos a partir de suas percepções míticas e religiosas do mundo.

Este livro está organizado em quatro partes que subdividem e agrupam as principais temáticas abordadas pelos autores. A primeira parte, intitulada *Deuses e Mitos*, inicia-se com o capítulo "O Deus Aton e a Solarização da Religião Egípcia durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.), de Liliane Cristina Coelho. A autora discorre sobre o processo de adoção do Aton como divindade dinástica durante o reinado de Akhenaton como sendo resultante de um projeto político-religioso, que se relaciona com uma proposta de criação de uma Nova Teologia Solar. Para tanto, Coelho apresenta ao leitor diferentes representações do deus Aton durante a XVIII Dinastia, percurso que nos mostra o sincretismo religioso e as ressignificações por que passam os deuses e suas representações neste período. Outro aspecto abordado pela autora é o uso dos símbolos religiosos para a manutenção e a expansão do poder desta Dinastia.

"Mitologia do Cosmos e o Egito de Wereshnefer", de Mauricio Schneider, o segundo capítulo desta parte, o leitor entra em contato com a *Representação do Cosmos Egípcio* representada no Sarcófago de Wereshnefer, 30ª dinastia, localizado no Metropolitan Museum of Art. O autor aponta que, em meio às várias especificações mitológicas contidas na representação, a mensagem mais eloquente da cosmografia de Wereshnefer é que o Egito é o *axis mundi*, o centro do mundo, enquanto as terras estrangeiras formam sua periferia. Assim, Schneider demonstra que no imaginário

faraônico, esse contraste espacial evoca o próprio ideal de *maat*, a ordem cósmica, garantido na terra por seu perpétuo vigilante, o faraó.

"Deuses Egípcios no Olimpo, segundo Heródoto", de Maria Aparecida de Oliveira Silva, o terceiro capítulo, onde a autora demonstra como os registros de Heródoto trazem informações que causam estranhamento aos seus ouvintes/leitores quanto à associação dos deuses egípcios aos dos helenos. Ao estabelecer uma relação direta entre os deuses, Osíris e Dioniso, ou Apolo e Hórus, por exemplo, Heródoto não apenas lhe confere o mesmo nome, associa atributos e significados culturais, desconsidera suas especificidades. Conforme Silva, a associação direta que leva a simplificações que retiram a historicidade de cada divindade para tratar a religiosidade como algo sem contexto próprio, portanto sem qualquer relação com a cultura de um povo.

A segunda parte *Ritos do Egito Antigo* inicia-se com o capítulo "O *Livro das Respirações*", de Marcia Severina Vasques. A autora analisa o *Livro das Respirações*, um dos textos funerários egípcios mais comumente utilizado no período ptolomaico e romano, ao lado do *Livro dos Mortos*, que foi escrito em hierático, demótico e, mais raramente, em hieróglifo, cujo objetivo era auxiliar o morto em sua viagem para a outra vida. Vasques conclui que, embora o Egito tenha sido dominado, o seu povo pouco alterou seu modo de vida tradicional e suas crenças religiosas, a religião popular egípcia pode ser usado como base para a observação da não como uma "sobrevivência pagã", mas como um fenômeno de reorganização da cultura religiosa.

O segundo capítulo desta parte é "A Religião Funerária Egípcia Antiga: dos textos aos destinos *post mortem* solar e osiríaco", de Cintia Alfieri Gama-Rolland, no qual a autora logo esclarece seu recorte temático em três documentos básicos para a interpretação dos ritos funerários egípcios, a saber, os *Textos das Pirâmides,* os *Textos dos Caixões* e o *Livro dos Mortos* ou *Livro para sair à luz do dia*. Gama-Rolland explica que se tem um grande número de fontes escritas referentes ao contexto funerário egípcio que dizem respeito tanto a cosmogonias quanto a confecção de amuletos, encantamentos e guias para a vida após a morte. Assim, a autora afirma que a seleção da documentação estudada atende a finalidade de análise do destino *post mortem* dos egípcios.

A terceira parte intitula-se *Religião e Poder* e traz ao leitor análises sobre a relação existente entre religião e poder no Egito antigo. O capítulo que abre este tema é "Akhenaton, a Cidade de Akhetaton e a Extinção Passageira do Além", de Moacir Elias Santos, o leitor entenderá como os governantes egípcios interferem nos ritos religiosos. Santos conclui que a nova concepção religiosa imposta por Akhenaton, acabou por banir

os deuses e o mundo do além. Tal fato resultou no fato de o oeste ter deixado de ser a terra dos mortos e a viagem para o além, feita pelo deus-sol para se unir a Osíris, por ter sido extinta. De acordo com o autor, o que foi oferecido em troca aos egípcios um rei divino, que partilhava de um renascimento continuo com o sol, que era igual ao seu deus e que centralizava tudo, dado que se revela na dependência dos egípcios para com seu rei.

O capítulo seguinte é "O Ritual do Poder: simbologia e representação social da monarquia faraônica, de Nely Feitoza Arrais. Nele a autora demonstra como o faraó exercia as funções de provedor, guerreiro e protetor do Egito e, ao mesmo tempo, como partilhava da dupla natureza, humana e divina, era sacerdote por excelência. Arrais conclui que essa função protetora do guerreiro faraó legitimidade socialmente o uso da violência, pois não apenas defende, também mantém a ordem social, com um conjunto de normas e critérios que configuram esta ordem social, além de ser um aviso para seus opositores externos. Portanto, o ritual em torno da realeza procurava, assim, representar simbolicamente as funções atribuídas ao monarca perante sua sociedade.

O terceiro capítulo intitulado "O Festival-Sed: reflexões e abordagens", de Julio Gralha, apresenta ao leitor duas situações relativas ao festival-sed que têm sido pouco exploradas. Segundo o autor, a primeira se remete aos 30 anos de reinado que estaria relacionada a uma geração ou ciclo de vida do egípcio antigo; ao ápice do tempo de vida e consequente declínio; a um tipo de simbolismo mágico-religioso do número 30 para os egípcios; e finalmente uma relação astronômica com o Ciclo Sothíaco (Ciclo da estrela Sírius). Gralha aponta que a segunda situação diz respeito à morte ritual do rei que por falta de artefatos e indícios parece ter sido pouco explorada. Talvez também haja certo protecionismo no sentido de negar que a sociedade egípcia primitiva seria capaz desta prática.

A quarta parte intitulada *O Egito e o Divino na Visão dos Modernos* principia com o capítulo "Deuses do Antigo Egito: uma visita a Jaroslav Černý (1898-1970)", de Margaret M. Bakos. A autora formula questões e respostas, como em uma entrevista com Jaroslav Černý para, com suas palavras, dialogar informalmente com o leitor. Antes, Bakos redige uma breve biografia do autor e os motivos que a levaram a tal escolha, destacando as duas obras mais importantes publicadas *post-mortem*: *A late Egyptian Grammar* e *A community of workmen at Thebes in the Ramesside Period*, obras que despertaram o reconhecimento de todos os bons orientalistas do mundo contemporâneo, como um egiptólogo inigualável, arqueólogo e filólogo, o "pai da ostracologia".

"A Religiosidade Egípcia Antiga e sua Leitura no Filme *O Príncipe do Egito*, escrito por *Raquel dos Santos Funari*, é o segundo capítulo desta parte. A autora esclarece que começa sua exposição com uma apresentação da perspectiva adotada, a partir da perspectiva dos usos do passado. Para tanto, Santos dá prosseguimento a sua argumentação com a apresentação do filme, a religiosidade egípcia antiga e como ela é representada na produção da sétima arte, numa contraposição entre monoteísmo e politeísmo. Procedimentos que levam a autora a afirmar que a religiosidade egípcia, face ao desencantamento do mundo contemporâneo, atrai por essa profundidade espiritual, representada no cinema.

O capítulo "O Filme *O Egípcio* (1954) e o Culto ao Aton: da luz solar à tela do cinema", de Leandro Hecko, encerra nossa coletânea pensando sobre o problema geral das temporalidades quando se trabalha com um filme, que basicamente nos coloca numa relação entre passado e presente que pode culminar em formas de usos do passado, que provocam alterações e ressignificações, produto de um olhar permeado pelas lentes do presente, embora ele venha a conter um pouco de cada temporalidade. Hecko continua seu raciocínio argumentando que se deve levar em conta que o filme histórico é produzido em um tempo diferente do período que busca retratar e que, por sua vez, pode ser lido/assistido já em outro tempo, noutro contexto cultural.

Para concluir, destacamos que esta obra tem como objetivo levar ao leitor interessado pela religiosidade egípcia em seus diferentes contextos, com debates atualizados sobre cada uma das temáticas propostas. O propósito deste encadeamento de estudos relacionados à religiosidade no Egito antigo é o de proporcionar ao leitor uma compreensão mais ampla do contexto religioso deste povo que nos maravilha até hoje. Esperamos ter alcançado nosso objetivo e que o leitor possa refletir sobre as questões propostas como incentivo para novos questionamentos.

As Organizadoras

1

A Religiosidade Egípcia Antiga e sua Leitura no Filme "O Príncipe do Egito"

Raquel dos Santos Funari

> No cinema, mais do que no teatro, os personagens são, antes de tudo, sujeitos de experiências emocionais: a alegria e a dor, a esperança e o medo, o amor e o ódio, a gratidão e a inveja, a solidariedade e a malícia, conferem ao filme significado e valor. (Munsterbert, 2003, p. 46)

Introdução

O Príncipe do Egito seria um tema de uma obra de História? Claro que não, é um filme, mas tem muita repercussão em como entendemos o passado. Como lembrava Paulo Celso Miceli, em capítulo que se tornou um clássico, "a História é matéria difícil, e essa dificuldade não vem de datas e nomes com que se imagina poder ensiná-la, pois, se dependesse disso, ela seria apenas chata. A História exige muita sensibilidade, coisa que pode ser cultivada, mas não ensinada ". Claro, foi essa sensibilidade que me levou, e levou a tantos de nós, ao estudo da História, mas ela nem sempre estava presente nos livros e na percepção do que seria propriamente História. Foi essa atração, tão bem definida por Miceli como uma "sensibilidade", que me conduziu ao Príncipe do Egito e aos usos do passado, objeto de estudos anteriores e deste capítulo.

A Antiguidade apresentava-se à minha frente, no Príncipe do Egito, não como sucessão de datas e personagens, mas como criação efetiva e afetiva de nossa realidade quotidiana, para além da busca das origens verdadeiras de um personagem como Moisés. Conforme me aprofundei na pesquisa, pude observar a relevância de um estudo sobre o

filme e suas interpretações ou representações. Agora, volto-me para verificar como a religiosidade egípcia aparece no filme e em sua recepção.

Como Estudar o Cinema: uma perspectiva cultural

O estudo do cinema deve ser entendido no contexto dos debates historiográficos das últimas décadas, em particular, como parte das discussões da História Cultural. Um exame da historiografia constata que as origens mais antigas da História Cultural remontam à Grécia antiga, com seus mitos, mas também com o surgimento da historiografia, com Heródoto. Seria apenas no século XVIII, contudo, que as modernas preocupações com a História da civilização teriam uma seqüência com o que se passa hoje ainda, no século XXI, na historiografia cultural. Já em nossa época, floresceu a História das Mentalidades, que talvez tenha começado com a tese de Alphonse Dupront, defendida na Sorbonne em 1956, mas só publicada em 1997, sobre o mito da cruzada , mas a grande marca foi o livro de Jean Delumeau, sobre o medo no ocidente . A coerência e flexibilidade da História Cultural devem-se à diversidade das suas fontes, à diferença dos pais fundadores dos Annales, centrados na História stricto sensu. Em particular, faz-se recurso às Ciências Sociais e à Filosofia, à Escola de Frankfurt (Benjamin, Adorno).

A História Cultural pode ser considerada uma modalidade de História Social, mas diversa da História Social clássica, que se preocupa com as classes sociais, pois se preocupa com os fenômenos simbólicos. Esta História Social das Representações ocupa-se das práticas e das formas de representação. A História Cultural volta-se para o ambiente, que ultrapassa o conceito mais restrito de "contexto". O texto ou o filme não existem sem seus paratextos, que permitem que um livro ou um filme passem por diversos intermediários, do editor ao livreiro, do produtor cinematográfico ao distribuidor. Há, pois, dois aspectos importantes, na pesquisa cultural ou simbólica: os aspectos mensuráveis e os mediáticos.

O Cinema

Os filmes permitem que se usufrua, de maneira intensa, as emoções provocadas pelas imagens, de modo a reconhecer valores sociais e questionar os próprios valores. Segundo a descrição clássica do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996), a interação das pessoas com o cinema permite o desenvolvimento do que se poderia denominar

“competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história cinematográfica contada (Duarte, 2002, p.13). O gosto pelo cinema, como um conjunto de preferências, liga-se, de forma direta, à origem familiar e social das pessoas e tais preferências por determinadas formas culturais fazem parte do universo de preocupações de professores e pesquisadores.

A linguagem cinematográfica, por ser direta e sensorial, está ao alcance de todos e prescinde de uma educação formal dos sentidos, à diferença da escrita, dependente de um domínio de códigos e estruturas gramaticais e lingüísticas padronizadas. Nas sociedades modernas, fundadas nos múltiplos meios audiovisuais, as interações com os esses meios começa na mais tenra idade. O cinema funda-se, em sua expressão como linguagem, da câmera, da iluminação, do som e da montagem, também conhecida como edição. Entre os recursos mais usuais estão os flashbacks ou cutbacks, às vezes marcados pelas imagens distorcidas ou pelo uso de cores, ou preto e branco, de forma diferencial.

O Príncipe do Egito: um estudo de caso

O Egito Antigo tem recebido uma atenção dos diretores de cinema. O filme O Príncipe do Egito, dos fundadores da Dreamworks Pictures David Geffen, Steven Spielberg e Jeffrey Katzenberg, foi lançado em 1998, simultaneamente em cinqüenta países, em vinte e dois idiomas, como inglês, alemão, mandarim, grego, hebraico, francês e português entre outros. Um desafio que levou centenas de artistas, técnicos, animadores e músicos a trabalhar por quatro anos para levar às telas o filme. Na verdade, é uma história de dois irmãos, que se separam e distanciam a ponto de se tornarem completamente opostos.

No campo das artes, a recepção das obras, por parte dos críticos ou estudiosos, tem sido chamada de fortuna crítica. Na origem, fortuna foi um termo usado para designar a perenidade de uma obra, sua capacidade de resistir ao tempo. Fortuna é uma palavra latina, cujo sentido abrange a sorte e o destino, associada, desde o Renascimento à noção de permanência, acenada por Horácio, Odes, 3, 30: exegui monumentum aere perennius (“executei um monumento mais perene do que o bronze”), para se referir à relevância futura da obra poética ou artística. O segundo termo da expressão “fortuna crítica” remonta à noção grega de krisis (separação), do verbo krinein (separar). A crítica, portanto, procura distinguir partes de uma obra, separar o superior do inferior, ou o joio do trigo.

O cinema apresenta um tipo de fortuna crítica menos consolidado, mais efêmero ou mesmo circunstancial, pois as críticas consubstanciam-se, via de regra, em publicações diárias ou semanais de divulgação. Muitas vezes, as avaliações são mesmo anônimas e não se pode, tampouco, determinar com clareza as motivações econômicas dos analistas. De todo modo, um apanhado das críticas o Príncipe do Egito permite notar uma imensa recepção positiva.

O filme - com sua temática séria e mesmo dramática - parecia inaugurar um filão de desenhos voltados para o público adulto, ainda que sem afastar as crianças. Isso não ocorreu exatamente desta maneira, nos anos que se seguiram. Não se multiplicaram os desenhos de temas bíblicos ou apenas sérios. Contudo, houve sim uma mudança, com a generalização de filmes animados voltados para o público infantil e adulto a um só tempo. Os filmes infantis passaram a contar com piadas, situações e atrações para os adultos que acompanham as crianças ao cinema. O segundo aspecto relevante refere-se à referência à consulta a pregadores da Direita cristã americana. Isso demonstra que o filme estava bem inserido num ressurgimento do conservadorismo cristão americano, ainda que estivesse atento, claro, a não ferir as suscetibilidades do público judaico, na raiz na narrativa bíblica de base.

Ramsés

No filme, o faraó bíblico é apresentado como Ramsés, nome que não aparece nas fontes judaicas. O relato da Bíblia Hebraica nunca menciona um nome concreto e nem se pretende ser uma narrativa histórica, no sentido moderno da palavra. As grandes linhas parecem retratar os acontecimentos, mas sempre de maneira já bem inserida na perspectiva teológica dos compiladores do texto bíblico. A maioria dos estudiosos relaciona a estada dos antepassados dos hebreus no Egito com o domínio dos Hicsos naquele reino, entre 1720 e 1580 a.C. Os hicsos, como semitas, poderiam ter facilitado as idas e vindas dos semitas nômades, talvez chamados de Hapiru (Hebreus), termo que poderia designar apenas “nômades”. Seria como a palavra moderna “beduíno”, derivada do árabe badawi, habitante do deserto.

A partir do Novo Reino, com a retomada das dinastias egípcias e com a expansão em direção à Palestina e à Síria, parece ter havido a entrada de novos nômades, hapiru que vinham como escravos. Haveria, pois, duas populações hebraicas, uma mais antiga e próspera, no Delta, e outras mais recentes e escravizadas. Alguns estudiosos modernos

consideram que foi Seti I (1291-1278) a escravizar os nômades e que seria Ramsés II (1292-1225) o faraó do Êxodo, que teria ocorrido em 1225 a.C . Contudo, Flinders Petrie descobriu e publicou, no monumento funerário de Merenptá, filho de Ramsés, uma inscrição sobre suas vitórias militares que menciona o seguinte:

> Canaã foi saqueada, foi conquistada Ashkalon, Gezer foi tomada, Ienoam não existe mais, Israel está desolado, não há semente, a Palestina tornou-se uma viúva para o Egito.

Isto significa que, à diferença do relato bíblico, haveria israelitas na Palestina nessa época (ca. 1215 a.C.). Como quer que seja, a moderna erudição relacionou o Êxodo a Ramsés II, personagem bem conhecido pela Egiptologia, e esta associação passou para a cultura popular, por meio da mídia.

O tema da esfinge é milenar, das mais profundas tradições egípcias. O nome é grego, sphinx, derivado do verbo sphingein, "estrangular", "apertar", aparentado ao nosso esfincter e se refere mais às associados da mitologia grega do que egípcia. Na tradição posterior grega, mais conhecida, a esfinge é uma criatura com corpo alado de leão e cabeça de mulher , enquanto os egípcios o tinham como homem com corpo de leão. A esfinge egípcia associava-se ao horizonte, como o deus Harmakhet, Hórus no Horizonte, e, portanto, um potente símbolo religioso de completude e proteção . O filme apresenta a esfinge com imagens que remetem à sua imagem no Ocidente, como algo ameaçador . As cenas do Príncipe do Egito que retratam a esfinge são muitas e nelas toda a simbologia posterior à civilização egípcia é ressaltada, num exemplo de inversão tão comum, quando símbolos religiosos positivos são tomados como malignos. Isto ocorre, em particular, nas décadas recentes, no uso dado pela mídia a personagens históricos ou lendários.

A Religiosidade Egípcia Antiga

Para podermos efetuar um estudo comparativo da leitura moderna, no filme O Príncipe do Egito, dos conceitos e práticas egípcias antigas é necessário, antes, tratarmos, ainda que de forma sucinta, do tema. Em primeiro lugar, os egípcios antigos sequer tinham um conceito semelhante ao de religião, palavra latina que não existia em egípcio (ou mesmo em grego, entre outros idiomas). Por isso, preferimos um termo moderno, religiosidade, até para deixar bem claro que, com isso, buscamos práticas, conceitos e mesmo sentimentos que transcendem à razão e que existem em todas as sociedades,

épocas e culturas. O mausoléu de Lênin atesta o poder da religiosidade, mesmo em um contexto ateísta. Vamos, então, a alguns aspectos da religiosidade egípcia.

Talvez se possa começar com o egiptólogo canadense Bruce G. Trigger (1993), esse grande estudioso do Egito antigo que em sua obra clássica sobre o Egito, quando enfatizava as diferentes cosmovisões dos egípcios antigos e as modernas, oriundas do Iluminismo. Estas distinguem, de forma clara, o natural e o sobrenatural, em parte, também, como resultado da releitura moderna do pensamento filosófico grego antigo. Já os antigos egípcios colocavam as divindades e os seres humanos em interação social e física (Shaw, 2004, p. 127). Paul Veyne (1983) lembrava que a História é o inventário das diferenças e este é tanto mais o caso quando tratamos do Egito antigo e, em particular, sua religiosidade.

O conhecimento sobre o tema provém, em grande medida, do estudo dos vestígios arqueológicos, tanto na forma de textos, como das estruturas de templos e locais de culto. Muitos textos que aparecem nas paredes dos templos egípcios referem-se à listagem da natureza e quantidade de oferendas nos santuários. Um dos aspectos mais notáveis da religiosidade egípcia liga-se à fertilidade, embora, no passado, tenha havido certo pudor em tratar desses temas. Nas últimas décadas, por outro lado, com a crescente discussão de tais assuntos no mundo ocidental, o caráter sexual da religiosidade egípcia tem sido destacado, o que a aproxima do mundo greco-romano, mas a afasta da tradição judaico-cristã. O culto de Osíris, um dos mais importantes, está em estreita ligação com a fertilidade e a sexualidade e, também, com o sentimento não só das elites, como das pessoas comuns. John A. Wilson (1944) foi um pioneiro a defender a tese da democratização da vida pós-morte no Egito antigo, questão que tem gerado crescente interesse (Smith, 2009).

Os estudiosos enfatizam a importância da piedade dos egípcios para com os deuses. Neste contexto, um conceito essencial era Maat, termo que talvez possa ser traduzido por harmonia ou verdade, conceitos que, para nós, não são muito obviamente relacionados. Os ensinamentos (*sebayt*) indicavam uma preocupação com a paz, que levava a rituais e cultos, além a comportamentos de respeito à ordem dos deuses.

A Representação da Religiosidade Egípcia no Filme Príncipe do Egito e suas Repercussões

No filme, há uma clara contraposição entre bons e maus, entre os hebreus devotos a um Deus único e verdadeiro, e os egípcios, que cediam a crenças supersticiosas, que não eram verdadeiras, ou mesmo maléficas, demoníacas. Por um lado, há uma evidente caracterização dos egípcios e seus sacerdotes como supersticiosos, numa relação com a percepção moderna de que tudo aquilo era magia sem fundamento, crença de primitivos. Essa caracterização é de particular ressonância para aqueles, no mundo contemporâneo, que têm uma perspectiva racionalista do mundo, derivada do Iluminismo. De fato, essa abordagem está em consonância com o *ethos* do desencantamento do mundo, no sentido usado por Max Weber (Pierucci, 2004; Schluchter, 2013), assim como da morte de Deus, segundo outros tantos como Nietzsche (2012), e parte do público do filme, em particular na Europa ocidental, são descrentes no sobrenatural. No entanto, a maioria das pessoas nos Estados Unidos, na América Latina, na África e na Ásia crê nisso, numa imensa variedade de perspectivas, mas acreditam. O filme apresenta, também, uma oposição entre crenças egípcias voltadas para a maldade, por oposição à fé mosaica, apresentada como ética e benéfica. A mensagem é um tanto contraditória, pois as pragas lançadas por Deus parecem, em certos aspectos, punições coletivas, sem que os egípcios, de maneira individual, fossem responsáveis pelos atos arbitrários contra os hebreus, segundo o filme. Mas, na narrativa do filme, seguindo o texto bíblico, essas ações de Deus são tomadas como medidas que estabelecem a justiça, ante a injustiça. Há, pois, uma verdadeira reversão do que seria, de fato, a religiosidade egípcia antiga, centrada na Maat, na justiça.

Essa representação não deixa de levar-nos a pensar. O fascínio pelo Egito antigo é milenar. Já os antigos gregos e romanos foram maníacos pelo Egito, como testemunha a pirâmide de Céstio, em Roma, um entre tantos exemplos. O próprio filme O Príncipe de Egito, assim como outros que se passam às margens do Nilo, como Os Dez Mandamentos, fundam sua popularidade não tanto nos hebreus, mas na pompa e circunstância do Egito faraônico e mesmo na sua exótica religiosidade. Neste aspecto, o fascínio pelo Egito está em relação com sua religiosidade e, talvez, com os sentimentos mais profundos do ser humano que, longe do desencantamento do mundo, encantam-se com tudo que é desconhecido, com as forças superiores e fora da nossa total compreensão. O Egito, também como apresentado no cinema, continua a inspirar o ser humano a refletir sobre si mesmo.

Bibliografia

BAKOS, M. A "Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro". In: BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. EDIPUC, Porto Alegre, 1996, p. 86-96.
_____. *Egiptomania, O Egito no Brasil: O Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
_____. "Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil". In: HUMBERT, J.-M.; PRICE, C. (ed). *Imhotep Today, Egyptianizing architecture*. London: UCL Press, 2003, p.231-245.
_____. "The significance of wine drinking in love and daily life in Ancient Egypt." *Atti del Sesto Congresso Internazionale di Egittologia*. Turin, 1993, p. 91-94.
_____. "Three Moments of Egyptology in Brazil". *Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist 3-9 (September)*: 1998, p. 87-91.
BELL, D. *et, al. Industria Cultural Y Sociedad de Masas*. Caracas: D.R.Monte Avila Editores, 1969.
BELTRÃO, M.C.; KITCHENS, K. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Wiltshire, Aris & Phillips, 1990.
BOURDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
CARDOSO, C. F. S. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
CARRIÈRE, J. C. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
CHARTIER, R. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
COVENTRY, M. *et al*. "Ways of seeing: evidence and learning in the history classroom". *The Journal of American History*, 92, 4, 2006, p. 1371-1402.
CUSSET, F. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze met cie e les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis*. Paris: La Decouverte, 2003.
DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
ECO, U. *Opera Aperta*. Milão: Bompiani, 1962.
FERRO, M. *Cinema et Histoire*. Paris: Gallimard, 1993.
FUNARI, R. S. Imagens do Egito Antigo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006.
_____. *O Egito dos Faraós e Sacerdotes*. São Paulo: Editora Atual, 2001.
GRALHA, J. C. "A Cultura Material do Cotidiano: Espaço Urbano e Moradias no Egito Faraônico." In: FUNARI, P. P. A.; FOGOLARI, E. P. (eds.) *Estudos de Arqueologia Histórica*. Erichin: Habitus, 2005, p. 115-132.
_____. *Deuses, Faraós e o Poder: Legitmidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito 1550-1070 a.C.*. Rio de Janeiro: Barroso Produções, 2002.
HUMBERT, J. M. *L´Égyptomanie à l´épreuve de l´archéologie*. Bruxelles: Éditions du Gram, 1996.
_____. *Egyptomania. Egypt in Western Art*. Ottawa: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1994.
KAPLAN, A. *A mulher e o cinema*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
KARNAL, L. (Org.) *A Escrita da Memória - Interpretações e Análises Documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Santos, 2004.
LEITE, S. F. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2005.
LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
MICELI. P. C. *Por outras histórias do Brasil, O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988.
NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2012 (1882).
ORY, P. *Histoire Culturelle*. Paris : Presses Universitaires de France, 2004.
PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito*. São Paulo: Editora 34, 2004.
RAGO, L. M. "O historiador e o tempo". In: ROSSI, V. L. S.; ZAMBONI, E. (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2003, p. 25-48.
_____. e GIMENES, R. A. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH, 2000.
SCHLUCHTER, W. *O desencantamento do mundo: a visão do moderno em Max Weber*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013

SILVA, G. J. “Imaginar, forjar, e utilizar a Antigüidade: representações dos gauleses e construção da identidade nacional na França, de Pétain a Le Pen”. *Boletim do CPA*, v. 18, 2004, p. 245-265.

SHAW, I. *Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SMITH, M. “Democratization of afterlife.” *UCLA Encyclopaedia of Egyptology*, 2009, http://escholarship.org/uc/item/70g428wj#page-17

VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido*. São Paulo: Objetiva, 2002.

VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WALLIS BUDGE, E.A. *The Gods of the Egyptians*. New York: Dover, 1969.

WILSON, J.A. “Funeral services of the Egyptian Old Kingdom.” *Journal of Near Eastern Studies*, 3, 1944, p. 201-218.

XAVIER, I. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.